

A detailed architectural line drawing of a multi-story building under construction. The drawing shows the complex wooden framework of the roof and upper floors, with various beams, trusses, and supports. The lower part of the building features brickwork and a set of stairs leading to a lower level. The style is technical and precise, typical of architectural blueprints.

Volume 1

2º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira

Culturas Partilhadas

Editores

Rui Fernandes Póvoas

João Mascarenhas Mateus



**2º Congresso Internacional de História da
Construção Luso-Brasileira**

Culturas Partilhadas
Porto, 14-16 Setembro 2016

2º CIHCLB 2016

LIVRO DE ACTAS

Volume 1

Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Via Panorâmica S/N 4150-755 Porto PORTUGAL
T+351 225 057 100, F +351 226 057 199
www.fa.up.pt www.2cihclb.arq.up.pt

Livro de actas - 2.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira

Editores: **Rui Fernandes Póvoas**
João Mascarenhas Mateus

Co-Editores: **Clara Pimenta do Vale**
Joaquim Lopes Teixeira
Teresa Cunha Ferreira
Rui Tavares

Capa: **Ana Aragão**

Apoio à produção: **Juliana Costa**

Data: **Porto, Dezembro de 2016**

ISBN: **978-989-8527-09-7**

Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Organização e Apoios

ORGANIZAÇÃO



ALTO PATROCÍNIO



CO-FINANCIAMENTO



APOIOS



APOIOS INSTITUCIONAIS



APOIOS À DIVULGAÇÃO



APOIO AO PROGRAMA CULTURAL E SOCIAL:



Sumário

VOLUME 1

APRESENTAÇÃO/ PRESENTACIÓN/ PRESENTATION

PÁG. SESSÕES PLENÁRIAS

- 3 John Carr, um Neopalladiano no Porto
Tavares, Domingos
- 17 La Ciencia Medieval de las Estructuras
Huerta, Santiago
- 33 How Can Law Strengthen and Explain Construction History?
Carvais, Robert
- 43 L'architettura Scolpita di Giovan Lorenzo Bernini
Il Cantiere del Baldacchino Di San Pietro (1624-1633)
D'Amelio, Maria Grazia
- 61 Some Reflections on Construction History and How it May Develop
Addis, Bill
- 75 Uma Espreitada na Memória da Construção em Concreto
Oliveira, Mário Mendonça de

MATERIAIS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO

- 91 Abobadilha Alentejana
"Características e Processos Construtivos"
Rei, João; Sousa Gago, António
- 105 Arcos e Pés-direitos
"Regras de Dimensionamento na Tratadística"
Rei, João; Sousa Gago, António
- 119 Panorama Da Produção de Obras em Terra Crua com
Design Contemporâneo nos Últimos 60 anos no Brasil
Pinheiro, Levi; Rangel, Bárbara; Guimarães, Ana; Silva, Adeildo

- 129 A evolução Construtiva da Igreja do Convento de Vilar de Frades.
Abordagem preliminar do corpo seiscentista
Pereira, António; Ribeiro, Maria do Carmo
- 143 Arquitectura, Materiales y Mercados en Andalucía (S.XIX)
Palomares Alarcón, Sheila
- 153 Caracterização de Revestimentos de Edifícios Galardoados com o
Prémio Valmor de Arquitectura (1902 a 2002)
Almeida, Luís; Santos Silva, António; Mirão, José; Veiga, Maria do Rosário
- 163 Building the Defenses
*The Constructions Sites of the Fortifications of Trapani and
Palermo in the First Decades of 16th Century*
Garofalo, Emanuela; Vesco, Maurizio
- 177 Um Capitulo na História da Arquitectura e da Construção Escolar Pública no Brasil:
A Experiência da CARPE
Silva, Geraldo Ângelo A.; dos Santos, Roberto E.
- 191 A Intervenção no Património Monumental.
Dificuldades e Desafios
Costa, Anibal; Dias, Adalberto
- 203 A perda de Valor Patrimonial Associada à Falta de Conhecimento
Costa, Anibal; Tavares, Alice
- 215 As Prescrições Técnico-Construtivas de Casimir Tollet para a Ventilação dos Espaços Hospitalares
Hospital ultramarino de Cabinda
Serrano, Inês; Moreira, Anabela
- 227 A Construção Luso-Brasileira em Período de Transição da Indústria
Tavares, Alice; Costa, Anibal
- 241 Acontecimentos Precusores da Criação da Gaiola Pombalina e Construção Mista com Madeira.
Tavares, Alice; Costa, Anibal
- 255 Arquitectura dos Anos 60 em Portugal como Paradigma de Sustentabilidade:
Construção Artesanal Versus Industrial
Santa Rita; João Manuel
- 269 Metodologias de Intervenção no Património Edificado.
Casos de Obra
Costa, Anibal; Valentim Lopes, Nuno
- 281 A Evolução das Alvenarias da Região Centro de Portugal e o Comportamento Higrotérmico
Tavares, Alice; Vicente, Romeu; Mendes, Carlota;
Costa, Anibal; Fonseca, Jorge

- 291 A construção dos que Regressam do Brasil no Século XIX
(para o Centro e Norte de Portugal)
Tavares, Alice; Costa, Anibal; Vicente, Romeu; Fonseca, Jorge
- 305 Madeiras de Construção do Período Colonial na Bahia
Uso, Exploração, Venda, Destinação e Identificação das Espécies
Cerqueira, Karina Matos de Araújo Fadigas; Oliveira, Mário Mendonça de
- 319 Estudos e Registos de Ladrilhos Hidráulicos na Cidade de São João Del-Rei,
Minas Gerais, Brasil
Martins, Mateus de Carvalho; Sousa, André Luís Santos
- 331 Saberes da Terra – Tons dos Solos:
Estudos, Produção e Avaliação de Tintas a Base de Solo na Cidade e Região de São João Del-Rei,
Minas Gerais, Brasil
Martins, Mateus de Carvalho; Andrade, Roberta Aparecida de
- 343 Azenhas do Ave
História, Território e Arquitetura Aquática-Fluvial
Matos, R. Bruno; Barata, Francisco
- 357 Inserção, Abandono e Restabelecimento da Arquitetura e Construção com Terra no Brasil
Joaquim, Bianca dos Santos; Hijioka, Akemi; Lopes, João Marcos de Almeida
- 371 O uso do Bambu como Material Construtivo:
Da Arquitetura Popular Paulista à Arquitetura como Campo Disciplinar
Radaik, Carlos Eduardo; Lopes, João Marcos de Almeida
- 383 Formulações de Argamassas de Cal com Adições:
Técnicas Tradicionais de Confecção e Aplicação
Magalhães, Ana Cristian; Muñoz, Rosana
- 399 Aspectos Construtivos e Formais da Torre de Belém
Quinta, Ana Luisa
- 413 O surgimento da Tipologia dos Edifícios "De Placa" em Lisboa
Marques, A. I.; Veiga, Maria do Rosário; Candeias, P. X.; Ferreira, J. P.
- 425 Coberturas Tradicionais a Quatro Águas e a Questão dos Telhados Múltiplos
Sarrazola Martins, João; Sousa Gago, António
- 443 Impermeabilizante de Paredes à Base de Alcatrão.
História, Técnica e Desempenho
Mariz, Luís
- 445 Azulejo Oitocentista no Porto e em Vila Nova de Gaia
Fabrico e Inovação no Século XIX
Mariz, Luís

PÁG.

- 469 Do restauro à Conservação do Património Arquitectónico Medieval Português
Os Sistemas Construtivos Empregues na Igreja de S. Salvador de Travanca
Malheiro, Miguel; Costa, Anibal
- 481 As Abóbadas de Combados da Sé de Braga e da Igreja do Convento de Jesús de Setúbal
Genin, Soraya M.
- 493 Arquiteturas de Falsa Cúpula na Região Transfronteiriça Gerês/Xurés
Enquadramento e Caracterização Construtiva
Barros, Fernando C.; Barroso, Carlos E.; Riveiro, Belén; Oliveira, Daniel V.; Ramos,
Luís F.; Lourenço, Paulo B.
- 509 A cortiça na Construção:
Sistemas Construtivos Tradicionais
Silva, Joana Guerreiro; Vale, Clara Pimenta do
- 519 A introdução dos Transformados Derivados de Cortiça na Construção Portuguesa
Entre os Ecos do Estrangeiro e a Implementação Nacional
Vale, Clara Pimenta do; Silva, Joana Guerreiro
- 531 **ÍNDICE DE AUTORES**

A evolução Construtiva da Igreja do Convento de Vilar de Frades.

Abordagem preliminar do corpo seiscentista*

Pereira, António^{(1)*}; Ribeiro, Maria do Carmo^{(2)**}

⁽¹⁾aammppsp@gmail.com, ⁽²⁾mcribeiro@uaum.uminho.pt

* Bolseiro de Doutoramento FCT - SFRH/BD/110434/2015; Lab2PT - ICS
Universidade do Minho,

** Departamento de História do ICS; Lab2PT - Universidade do Minho

RESUMO

O presente artigo inscreve-se numa investigação em curso centrada na análise do processo construtivo do Convento de Vilar de Frades, desde a sua génese, no século XI até à atualidade, privilegiando uma abordagem multidisciplinar, centrada no complexo arquitetónico atual, em articulação com as restantes fontes disponíveis para o seu estudo. Procuraremos, nesse sentido, realizar no presente artigo uma análise preliminar a uma das problemáticas latentes na nossa investigação relacionada com as técnicas construtivas da igreja de vilar de frade, nomeadamente a edificação da abóbada da nave da igreja, invariavelmente associada ao estilo manuelino.

O estudo da igreja do convento de Vilar de Frades, cujo edificado sobrevivente remonta pelo menos ao século XII, tem sido realizado grosso modo de forma sincrónico, tendo em conta as grandes alterações conhecidas, nomeadamente uma origem românica, alterações góticas e manuelinas, assim como as sucessivas modificações realizadas a partir do século XVII e XVIII, período a partir do qual se conservam mais elementos construídos, muito embora as fontes documentais sejam mais escassas.

Procuraremos, neste sentido, realizar uma abordagem acerca do processo construtivo desta igreja, analisando as técnicas construtivas subjacentes às principais alterações estruturais ocorridas entre os séculos XVI e XVII, tendo em conta o contexto histórico e cultural em que foram produzidas.

Para tal, impõe-se a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que tem por base o edificado conservado atualmente e se baseia nos pressupostos da arqueologia da arquitetura, privilegiando igualmente as restantes fontes disponíveis para o seu estudo.

Numa visão mais abrangente, pretendemos, a partir do caso de Vilar de Frades, contribuir para o estudo das construções monásticas entre a Idade Média e a atualidade, bem como reforçar o cariz determinante deste tipo de edifícios para o desenvolvimento da História da Construção.

Palavras-chave: História da construção, igreja de Vilar de Frades; técnicas construtivas; século XVII.¹

¹ Este trabalho tem o apoio do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 - POCI-01-0145-FEDER-007528

1. INTRODUÇÃO

Os diferentes estudos realizados até ao momento sobre o convento de Vilar de Frades têm permitido demonstrar a complexidade inerente à sua análise, não só por se tratar de uma construção que foi sendo sucessivamente alterada desde a sua origem, mas também pela escassez e carácter fragmentário das fontes disponíveis para o seu estudo.

Na realidade, do referido convento, datado de meados do século XI, é atualmente possível identificar um complexo que seria composto por diferentes edifícios e espaços, onde se incluem a igreja e dois claustros, sucessivamente alterados aos longos dos séculos.

Entre os principais estudos realizados acerca deste convento destacam-se os estilísticos, que associam os elementos arquitetónicos e escultóricos a diferentes fases e estilos artísticos, centrados maioritariamente na igreja e de forma muito residual nos restantes edifícios. Entre estes estudos desacataríamos, a primeira iniciativa que é elaborada pelo cónego Aguiar Barreiros ainda em 1919, as obras de síntese produzidas pelos historiadores da arte, na década de 80 do século XX, bem como os trabalhos académicos produzidos a partir da última década do século XX. Entre estes últimos salientam-se a abordagem ao processo construtivo do convento de Vilar de Frades, na perspetiva da história da arte (Vinhas, 1998), assim como estudos parcelares, que incidem maioritariamente sobre a igreja do convento de Vilar de Frades.

Esta igreja, normalmente identificada como um dos exemplares mais expressivos da arquitetura manuelina no norte de Portugal, conheceu um processo bastante mais complexo, desde a sua fase românica até à fase neoclássica, quando são extintas as ordens religiosas. Na realidade, a igreja do convento de Vilar de Frades conhece todo um percurso construtivo que abrange uma escala cronológica, pelo menos, desde o século XII até ao século XIX, que só muito recentemente começou a ser explorada de forma diacrónica (Vinhas, 1998).

Todavia, a generalidade dos estudos tendem a centrar-se num período específico, destacando a igreja do restante conjunto edificado, numa abordagem que a associa invariavelmente ao período manuelino. De facto, nos inícios do século XVI, a igreja do convento de Vilar de Frades conheceu uma intervenção de fundo que implicou a sua reconstrução integral. Todavia, apesar da coerência da linguagem arquitetónica do conjunto, a investigação tem demonstrado que alguns dos componentes são já de uma fase posterior, como é o caso da abobada do corpo da igreja. De facto, apesar de este elemento manter uma coerência artística com os manuelinos, nomeadamente com a capela-mor e o transepto, a abobada do corpo da igreja encontra-se documentalmente datada como tendo sido construída no século XVII (Vinhas, 1998).

De igual modo, a atribuição ao estilo manuelino da abobada do corpo da igreja tem originado dificuldades ao nível da interpretação do conjunto, que se estendem aos restantes elementos do corpo, assim como à questão da planimetria e esquema pensados para o corpo da igreja no século XVII. Na realidade, os estudos têm apontado para o facto do corpo da igreja do século XVII traduzir o esquema pensado no século XVI e, deste modo, a sua atribuição ao estilo manuelino (Dias, 1988; Ramos, 1990; Vinhas, 1998).

Deste modo, algumas interpretações realizadas têm tido como referência o carácter artístico desta abobada e, por conseguinte, condicionado a restante interpretação do corpo da igreja, por vezes, preterindo o contexto histórico-cultural da sua execução. Importa, deste modo, valorizar todas as questões relacionadas com a construção da abobada do corpo da igreja e não apenas o seu carácter artístico.

De facto, para a compreensão do processo construtivo da igreja do convento de Vilar de Frades, torna-se necessário perceber a forma como foi executada a igreja no século XVI, bem como as

alterações ocorridas no século XVII. De igual modo, importa analisar os diferentes aspetos relacionados com a história da sua construção, desde o projeto e execução da obra, até aos acabamentos e decoração.

Neste sentido, este trabalho pretende, por um lado, salientar a importância de uma abordagem metodológica centrada no estudo do edificado atual, e nas valências de uma perspetiva multidisciplinar, privilegiando o cruzamento de diferentes tipos de fontes. Por outro, destacar a importância de uma análise que valorize o contexto histórico-cultural inerente à construção da igreja, entre os séculos XVI e XVII.

Deste modo, pretende-se demonstrar as possibilidades e as valências analíticas relativas aos elementos construídos em elevação, por via da análise arqueológica (Pereira, 2016). No âmbito interpretativo, torna-se igualmente relevante uma caracterização ao nível das técnicas presentes na fase construtiva do século XVII da igreja de Vilar de Frades, bem como lançar hipóteses quanto ao conjunto de efeitos produzidos especificamente pela construção da abóbada da nave, contrapondo as suas diferenças arquitetónicas com as do século XVI. Na realidade, o projeto quinhentista levanta igualmente dificuldades interpretativas.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DE VILAR DE FRADES

O Convento de Vilar de Frades encontra-se situado na margem direita do rio Cávado, no seio de um meio rural, administrativamente pertencente à freguesia de Areias de Vilar, concelho de Barcelos e distrito de Braga (Fig. 1). O complexo conventual encontra-se delimitado por uma cerca de aproximadamente nove hectares, possuindo um perfil de elevação de cotas que vão desde os 15m aos 100m de altitude. Deste modo, o local de implantação forma uma espécie de “anfiteatro” natural, desenvolvido numa zona de vale voltada ao rio. Ao longo do seu relevo proliferam as zonas

de veiga, propícias à exploração agrícola, mas também densas zonas de mata. No centro da cerca destaca-se a massa edificada de longa duração, também ela dividida entre o espaço litúrgico da igreja e o espaço vivencial dos claustros agregados.

Localizado na paróquia medieval de S. Salvador, o percurso histórico de Vilar de Frades está intrinsecamente ligado ao fenómeno monástico medieval do ocidente. A referência documental mais antiga data de 1059 e encontra-se no documento número 420 da *Diplomata et Chartae*. A partir desta referência entende-se, ainda que de forma críptica, a existência já de um espaço definitivamente monástico no século XI (Faure, 2012).

À semelhança de outros espaços do noroeste ibérico, é apenas nos finais do século XI que o mosteiro adota a regra de S. Bento, seguindo-se o reconhecimento do seu couto por carta atribuída pelo rei D. Sancho I no ano de 1202. É neste contexto que a historiografia do processo construtivo de Vilar de Frades situa a edificação da igreja românica, com base nos muito residuais elementos cuja datação aponta para os séculos XII ou XIII. Como indicadores, têm sido apontados os portais românicos que se encontram, desde o século XIX, remontados, alterados e integrados na torre sul.

Na transição do século XIV para o XV deverá ainda ter ocorrido uma nova construção que consistiu na reformulação da Igreja, a chamada “igreja gótica”, bem como a construção de um novo dormitório.

A instabilidade que veio a afetar o cenóbio no século XIV levou à sua extinção nos inícios do século XV. Primeiramente reduzido a “*abadia secular*” pelo arcebispo de Braga D. Martinho Afonso Pires em 1400, é formalmente extinto pelo seu sucessor no prelado bracarense D. Fernando da Guerra no ano de 1425.

Quase simultaneamente à extinção do mosteiro beneditino, em 1425, o conjunto edificado é cedido a um grupo de religiosos, dos quais se destacou



Fig. 1 - Localização geográfica do Convento de Vilar de Frades no norte de Portugal.

o Mestre João Vicente, físico-mor do reino e fervoroso religioso. Este viria a ser o principal responsável pela fundação, no mesmo ano de 1425, da Congregação de Cónegos Seculares de S. João Evangelista. Comumente designada por “lóios”, a congregação desempenhou em Vilar de Frades, e não só, uma missão centrada na evangelização e assistência às populações até à extinção das ordens religiosas ocorrida em 1834.

Nas primeiras décadas de quinhentos tem início a fase construtiva de cariz mais monumental, cujo programa previa uma reconstrução integral da igreja, inicialmente financiada pelo arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa (1505-1532), bem como do claustro, situado a sul da igreja, segundo o estilo manuelino (Fig. 2). Apesar de a obra ser contratualizada com João Lopes, o *Velho*, alguns autores têm vindo a atribuir a traça do edifício a João de Castilho (Ramos, 1990; Vinhas, 1998).

A construção da igreja quinhentista decorreu de forma algo atribulada pela interrupção do financiamento por parte do arcebispo D. Diogo de

Sousa, sendo apenas concluídos segundo a traça inicial a capela-mor e o transepto, bem como o portal. A construção de um corpo pouco adequado à envergadura da estrutura manuelina, levou à necessidade de no século XVII se proceder à reformulação do corpo da igreja (Fig.2). (Vinhas, 1998).

A partir do século XVIII assiste-se a um maior investimento na área doméstica, desde logo pela construção de um novo claustro, a sudoeste da igreja, denominado por “terreiro dos cabedais”. Já na transição para o século XIX, tem início uma reconstrução integral do claustro manuelino do século XVI, situado a sul (Fig. 2).

A empreitada neoclássica estendeu-se ainda à fachada da igreja onde foi executada uma renovação revivalista de pendor neorromânico e neogótico. Tanto as obras do claustro como as da fachada foram apenas parcialmente concluídas devido à extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal, em 1834, e o consequente abandono deste espaço. O claustro ficou-se pela conclusão

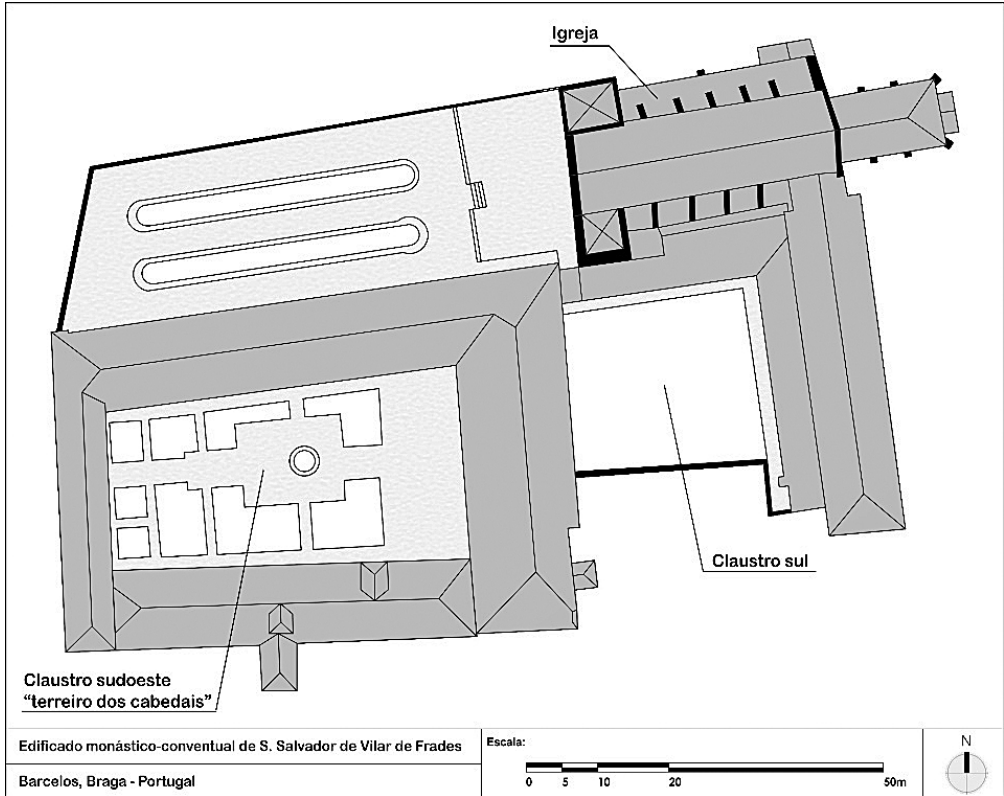


Fig. 2 – Planta do convento de Vilar de Frades.

de apenas 2 alas (norte e nascente) e na fachada a torre sul ficou apenas parcialmente erigida.

No decurso da expropriação de 1834, e apesar de a igreja ter mantido sempre as suas funções afetas ao culto, o governo português procedeu à privatização de um dos claustros e da totalidade da cerca, convertidos em propriedade privada após venda em hasta pública. Em 1910, na senda das classificações do património considerado mais emblemático para a nação, é classificada a igreja e o chafariz do Terreiro dos Cabedais como monumento nacional.

Atualmente, o convento de Vilar de Frades congrega as funções de culto, praticado na igreja,

agora paroquial, e de fruição cultural, sob a tutela da Direção Regional de Cultura do Norte.

3. FONTES E METODOLOGIA DE ABORDAGEM

O estudo arqueológico e histórico do conjunto arquitetónico de Vilar de Frades constitui uma tarefa complexa devido às múltiplas alterações que este complexo conheceu entre a Idade Média e a atualidade. Assim, do ponto de vista metodológico é necessária uma abordagem multidisciplinar que congregue diferentes pressupostos teóricos provenientes de distintas áreas do conhecimento,

nomeadamente da Arqueologia da Arquitetura e da História da Construção.

Partindo dos referidos pressupostos, a metodologia seguida perspetiva o edificado como um horizonte de ações humanas materializadas e estratificadas em diferentes contextos, cuja interpretação beneficia do cruzamento de diferentes tipos de fontes, tais como o edificado, as fontes escritas e as fontes gráficas.

Neste sentido, o estudo encetado neste trabalho sobre às técnicas construtivas da igreja de Vilar de Frades, nomeadamente da abóbada da nave central, visou convergir os pressupostos teórico-metodológicos para a referida análise, tendo em conta a diversidade de soluções e técnicas adotadas nos diferentes contextos histórico culturais presentes no edificado preservado.

Ainda que no presente estudo tenhamos sempre abordado o edificado como a fonte privilegiada, não podemos deixar de mencionar também a importância das fontes escritas, nomeadamente as crónicas do Frei Jorge de S. Paulo (1658)² e a obra do Padre Francisco de Santa Maria (1713) pela relevância documental que apresentam, enquanto cronistas, ao relatarem e recuperarem algumas das características arquitetónicas do convento de Vilar de Frades, nomeadamente pertencentes aos seus períodos mais antigos.

De igual modo, também a informação produzida durante o século XX, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, designadamente os levantamentos gráficos obtidos aquando das diversas intervenções, que procuraram conservar e restaurar o edificado, permitem proceder à análise da planimetria e dos paramentos existentes neste século, mas também possibilitam interpretar algumas das características pertencentes às fases anteriores de ocupação. Para o estudo da igreja de Vilar de Frades destaca-se a planta e o corte transversal do corpo da referida igreja.

² ADB. *Epílogo e compendio da origem da Congregação de Sam Joam Evangelista & do nascimento, vida, & morte dos seus tres fundadores*. Ms. 924.

Neste sentido, procuraremos através da análise do edificado conservado atualmente proceder a uma análise regressiva, de modo a interpretar as alterações ocorridas entre os séculos XVII e XVI, nomeadamente os efeitos provocados pela construção da abóbada seiscentista do corpo da igreja. Em última análise, objetiva-se proceder a uma análise comparativa da organização planimétrica do corpo da igreja, tendo em conta os diferentes elementos que o compõem, a época cronológica em que foram executados bem como os construtores envolvidos na sua edificação.

4. A EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DO CORPO DA IGREJA DE VILAR DE FRADES ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII

O processo construtivo da igreja de Vilar de Frades permanece envolto em interpretações pouco exploradas, muito embora todas elas sejam unânimes quanto à existência de duas fases distintas, aliás como se encontram documentalmente comprovadas. Todavia, relativamente ao corpo da igreja existem várias hipóteses, ainda que apresentem aspetos em comum, divergindo noutros, não se verificando a mesma unanimidade quanto à execução levada a cabo no século XVI.

Neste sentido, torna-se necessária uma análise mais detalha e cronológica, no sentido de procurar uma interpretação acerca da construção do corpo da igreja, tendo em conta os diferentes tipos de fontes, bem como os elementos construídos em elevação e as técnicas presentes na fase construtiva do século XVII. Procuraremos, neste sentido, avançar com algumas explicações acerca dos efeitos produzidos especificamente pela construção da abóbada da nave, contrapondo as suas diferenças arquitetónicas com as do século XVI.

Com efeito, nas primeiras décadas do século XVI, é estabelecido um contrato com o mestre pedreiro João Lopes de Guimarães, o *Velho*, no sentido de dar início à construção da igreja, possivelmente entre os anos de 1509 e 1511 (Vinhas,

1998). Importa referir que, nas mencionadas datas, D. Diogo de Sousa levava a cabo um projeto de modernização da cidade de Braga, que incluiu a construção de novos edifícios e infraestruturas, mas também a renovação de outros, nomeadamente da Sé e dos Paços arquiiepiscopais (Ribeiro, 2008). Ao que tudo indica, D. Diogo de Sousa terá atraído para a cidade múltiplos artistas, estrangeiros e portugueses, entre os quais se destacam o biscainho João de Castilho, o Mestre Machim, provavelmente flamengo, ou ainda o imaginário Mestre Jacques, de eventual origem franca (Maurício, 2000; Freitas, 1961).

Entre as ações potencializadas por D. Diogo de Sousa destacam-se as obras na capela-mor e na galilé da Sé, dirigidas por João de Castilho. As obras na capela-mor terão sido realizadas entre 1505 e 1509/11, data em que este aparece referido como “mestre da capela da Sé de Braga” (Maurício 2000; Freitas 1961). Ao que tudo indica, o Arcebispo D. Diogo de Sousa terá contratado este mestre biscainho para a reedificação daquelas partes da Sé, nas quais terão sido aplicadas técnicas e estilos inovadores, nomeadamente a abóbada nervurada de combados. De facto, a presença de mestres biscainhos na cidade, bem como na diocese de Braga encontra-se bem documentada, pelo menos desde 1496 (Ribeiro e Melo, 2013). No entanto, será no governo de D. Diogo de Sousa, que a atividade construtiva conhecerá um grande incremento.

Tendo em consideração que o mestre biscainho João de Castilho se encontrava ao serviço do referido arcebispo neste período cronológico, bem como a reputação deste mestre, designadamente para a consolidação da arquitetura manuelina no norte de Portugal (Dias, 1988), alguns autores têm sugerido que o projeto da igreja de Vilar de Frades se ficou a dever a uma encomenda de D. Diogo de Sousa a João de Castilho.

De qualquer modo, as obras na igreja de Vilar de Frades terão começado pela capela-mor, cujo

financiamento se ficou a dever inteiramente ao referido arcebispo de Braga, e naturalmente terão prosseguido para o transepto e capelas colaterais, estas financiadas por duas sobrinhas do mesmo arcebispo. Todavia, aquando da finalização do transepto, um conflito de heráldica (Vinhas, 1998) terá levado ao afastamento do arcebispo das obras da igreja e ao cessamento do seu financiamento, tendo, no entanto, os loios assegurado a construção do coro e do portal em correspondência com a obra da capela e transepto. A interrupção do financiamento teve impacto sobretudo na construção do corpo da igreja, cujo resultado determinou uma estrutura com uma gramática arquitetónica diferente do cunho manuelino dos mestres biscainhos e que seria alvo de intervenção no século seguinte. Sobre o corpo da igreja quinhentista, o carácter residual das fontes evidencia que, para além de não ter sido seguido o projeto iniciado na capela-mor e transepto, a estrutura terá resultado num corpo com paredes delgadas que não poderia sustentar mais do que um forro em madeira (Ramos, 1990).

Apesar das fontes permitirem uma interpretação muito superficial do corpo quinhentista, alguns autores têm avançado com várias hipóteses explicativas. Assim, e quanto à planta manuelina, alguns autores têm associado Vilar de Frades ao esquema de igrejas como a de Santa Cruz de Coimbra e a de S. Francisco de Évora (Dias, 1988). Esta analogia é partilhada por Teresa Ramos, muito embora esta considere que possa constituir um modelo mais evoluído maneirista. Mais recentemente, tem sido sugerido que a construção executada no século XVI, em termos planimétricos, não terá sido alvo de grandes modificações face ao projeto manuelino (Vinhas, 1998), pelo que se pressupõe a existência de um espaço organizado numa nave ampla e única, flanqueada por cinco capelas intercomunicantes “... a fazer lembrar o esquema europeizado de “igreja-salão”. Deste corpo, que deveria estar concluído antes de 1532,

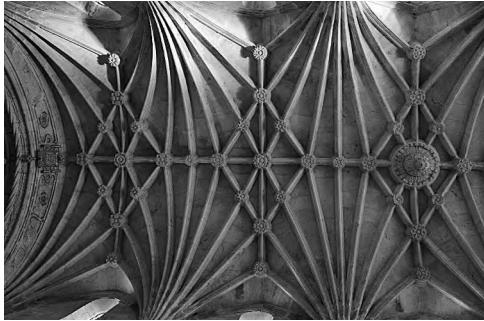


Fig. 3 – Pormenor da abóbada de nervuras seiscentista do corpo da igreja de Vilar de Frades.

apenas resta a parede norte, de cariz irregular e com cinco frestas (quatro das quais entaipadas) (Vinhas, 1998) (Fig. 10).

Relativamente, às obras executadas no século XVII e tendo em conta a crónica dos padres loios, de 1658, o motivo desta intervenção está relacionado com os acontecimentos ocorridos em 20 de janeiro de 1616, quando uma intempérie provocou bastantes danos no corpo da igreja, tornando necessária a sua reedificação (Vinhas, 1998). Esta veio a ocorrer entre 1623 e 1641, tendo contemplado, nomeadamente a construção de uma grande abóbada que cobriu todo o corpo da igreja (Fig. 3). Foram adicionados igualmente contrafortes (Fig. 10), pelo menos na parede exterior norte do corpo, de modo a reforçar a estrutura e torna-la apta a receber e sustentar o peso da abóbada, que começou a ser construída pela parte do coro até entroncar no arco do cruzeiro do transepto do século XVI, ao mesmo nível das abóbadas do transepto e capela-mor. O corpo seiscentista passou a constituir um espaço exíguo, formado por uma nave de grande volume encimada por uma abóbada ininterrupta de nervuras prismáticas, direcionadas para seis mísulas interiores e respetivos contrafortes exteriores. Em ambos os lados, passaram também a existir capelas laterais, pouco profundas, igualmente cobertas por abóbadas nervuradas, ainda que com um pé-direito

substancialmente mais reduzido do que a nave (Vinhas, 1998) (Figs. 8, 9 e 10).

Até ao momento permanecem por identificar os executantes e a traça desta obra de seiscentos.

5. A ABÓBADA SEISCENTISTA E A (RE) INTERPRETAÇÃO CONSTRUTIVA DO CORPO DA IGREJA DE VILAR DE FRADES NO SÉCULO XVII

A partir dos dados existentes nas crónicas, bem como no edificado atual, alguns autores têm-se debruçado sobre a interpretação arquitetónica do corpo da igreja seiscentista, nomeadamente na sua articulação com o corpo quinhentista preexistente. Neste sentido, alguns autores são unânimes em considerar que, apesar das devidas diferenças, a construção de uma abóbada nervurada (Fig. 3) visou concretizar o projeto do século XVI, considerando assim que o esquema da construção em seiscentos era semelhante ao projeto manuelino (Dias, 1988; Ramos, 1990). Teresa Ramos sustenta esta interpretação no facto de considerar ser impossível terminar as capelas do transepto sem as primeiras capelas laterais da nave estarem construídas (Ramos, 1990). Esta argumentação faz supor a existência de capelas laterais já no século XVI, constatação até ao momento impossível de comprovar.

De facto, as dificuldades de interpretação do esquema da igreja seiscentista levou, por sua vez, Vinhas (1998) a avançar com uma interpretação baseada na coexistência de várias ideias, tais como, tratar-se de uma materialização do projeto do século XVI; de um projeto que contemplou uma gramática renascentista (nos arcos das capelas laterais) associada à estrutura da cobertura e das janelas, e ainda na existência de uma correspondência apenas nas dimensões e formas do corpo aos espaços manuelinos (Vinhas, 1998).

Este autor elabora igualmente uma análise estrutural ao corpo da igreja, considerando que o



Figs. 4 e 5 - Perspectiva das abóbadas do cruzeiro e do corpo onde é visível o perfil mais rebaixado da abóbada do cruzeiro em comparação com a abóbada do corpo, bem como o prolongamento das mísulas ao longo da parede do corpo da igreja (esquerda). Pormenor das mísulas do coro alto suprimidas para a colocação de um cadeiral (direita).

muro exterior, a norte, é um reaproveitamento da construção quinhentista, mas as paredes da nave e as capelas laterais possuem uma complexidade estilística que relaciona elementos renascentistas com iconografia medieval (Vinhas, 1998) (Fig. 10).

Todavia, Teresa Ramos (1990) refere que o esquema do corpo de Vilar de Frades parece ser mais evoluído e mais próximo das igrejas como a do Espírito Santo de Évora e que traduz um modelo muito utilizado nas igrejas jesuítas maneiristas.

Tendo em conta o exposto, parece evidente que o elemento mais caracterizador da renovação de seiscentos é a adição de uma grande abóbada, associada ao estilo manuelino, ao corpo da igreja (Fig. 3). Trata-se efetivamente de um elemento complexo, com um elaborado sistema de nervuras prismáticas, formando uma densa rede de arcos que cobre a totalidade do corpo da igreja. Esta abóbada tem sido associada ao estilo manuelino, nomeadamente devido à sua coerência artística com a capela-mor e o transepto.

Efetivamente, a abóbada construída em seiscentos constitui o elemento central desta reconstrução, parecendo-nos, no entanto, que a sua implantação fará parte de todo um conjunto de alterações estruturais que parecem filiar-se mais um esquema maneirista do que propriamente na conclusão do esquema manuelino.

Em primeiro lugar, se tivermos em consideração as abóbadas da capela-mor, do transepto e da nave, é notável a existência de diferenças ao nível da execução decorrentes dos diferentes momentos em que são executadas. Ainda que à partida se incluam na categoria das abóbadas de nervuras, é plenamente aceite que as da capela-mor e do transepto possuam uma datação do século XVI e a da nave central do século XVII.

Do ponto de vista formal, podemos verificar que as abóbadas do século XVI, para além de uma execução mais cuidada, apresentam um perfil mais rebaixado e uma forma de sustentação que tira bastante mais partido do apoio proporcionado pelo cruzamento das nervuras e pelo prolongamento das mísulas ao longo da face interior das paredes (Fig. 4).

No caso da abóbada da nave central, podemos verificar que possui uma execução bastante mais robusta que resulta num conjunto bastante mais denso e, possivelmente, substancialmente mais pesado do que as abóbadas quinhentistas. Todavia, apesar do funcionamento estrutural se assemelhar aos das abóbadas quinhentistas no quesito da existência de um cruzamento de várias nervuras dirigidas para um número mais reduzido de mísulas, podemos verificar um conjunto de diferenças substanciais, algumas delas já



Figs. 6 e 7 - Pormenor da decoração de estilo manuelino no capitel do arco de uma das capelas laterais do corpo da igreja (esquerda). Pormenor de uma mísula de uma das capelas laterais aparentemente sobreposta pela parede lateral da capela (direita).

identificadas e que as afastam, por exemplo, do tipo de sistema empreendido por João de Castilho (Genin, 2014).

Aparte a linguagem artística utilizada na execução da abóbada da nave, é relevante referir que esta se diferencia das restantes, desde logo ao nível do perfil. Contrariamente ao perfil abatido das abóbadas quinhentistas, a abóbada seiscentista possui um perfil em arco de volta perfeita, que nos remete para um espaço e volumetria semelhante à das igrejas de nave única com abóbadas de berço (Fig. 9).

Outro aspeto diz respeito à forma como a abóbada se apoia nos paramentos laterais. A forma prolongada das mísulas da nave mostra um arranque das nervuras da abóbada bastante mais curto do que o das abóbadas do século XVI, sendo esta diferença mais evidente através da comparação entre o transepto e a nave (Fig. 4). Como podemos observar no espaço do coro, as mísulas apresentam-se cortadas sendo que a força da abóbada é diretamente transmitida para a parede (Fig. 5).

A abóbada da nave, pela robustez da sua compleição e dimensão, terá ainda levado à necessidade de uma estrutura de suporte capaz de sustentar a estrutura de cobertura. Para além da já referida adição dos contrafortes (Vinhas, 1998), a estrutura deverá ainda ter exigido a alterações ao nível das



Fig. 8 - Perspetiva das capelas laterais do lado do evangelho do corpo da igreja.

paredes laterais, que poderão ter consistido no seu reforço. De igual, modo, torna-se possível levantar a hipótese da existência de uma nave lateral quinhentista, que teria sido dividida em capelas laterais, abertas para a nave central, de modo a que as suas paredes divisórias, estabelecessem uma ligação com os contrafortes do muro da nave e o muro exterior da igreja (Fig. 9).

Por outro lado, a facto de algumas das mísulas das abóbadas das capelas laterais indiciarem uma posição estratigráfica anterior, ou seja, estar parcialmente sobrepostas pela parede divisória, levam-nos a supor que a divisão tenha ocorrido posteriormente, ou seja, no século XVII (Figs. 6 e 7). A presença do reboco (Fig. 8) leva-nos a pensar na construção de uma parede em alvenaria que se diferenciaria do aparelho regular da capela-mor e do transepto³.

Relativamente ao esquema do corpo da igreja de seiscentos, e recuperando a perceção avançada por Teresa Ramos (1990), parece efetivamente que o esquema resultante da empreitada seiscentista encaixa na designação de um esquema próximo das igrejas maneiristas. Se nos abstrairmos das especificidades da abóbada da nave, o espaço in-

³ *Importa, destacar, que, por norma, a cantaria de aparelho regular medieval não se encontra rebocada em edifícios emblemáticos, podendo, no entanto, por vezes, encontrar-se pintada, ou conhecer outro tipo de revestimento.*

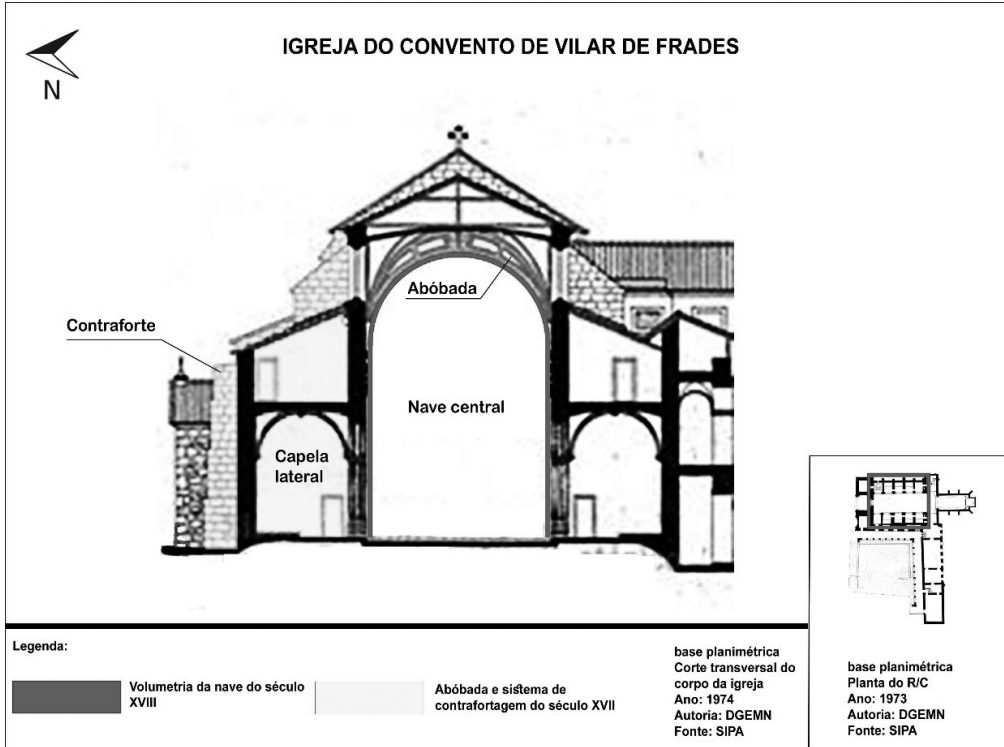


Fig. 9 - Corte transversal da igreja do convento de Vilar de Frades.

terior é constituído por uma capela-mor bastante ampla e retangular, seguindo-se um transepto relativamente curto e uma nave única, ao mesmo nível do transepto e da capela, ladeada por capelas intercomunicantes (Fig. 10). É o mesmo modelo que podemos verificar em igrejas de construção coeva, como por exemplo a do mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga), datada entre 1628 e 1661.

Deste modo, e partindo da análise da reestruturação do corpo da nave efetuada no século XVII, alguns autores tem levantado hipóteses quanto à estrutura existente no século XVI. Tal como já referido, o corpo da igreja quincentista deveria consistir numa estrutura frágil com cobertura em

madeira, cujas dimensões não seriam muito diferentes das atuais, o que pressupõe a existência de um espaço organizado numa nave ampla e única, flanqueada por cinco capelas intercomunicantes “... a fazer lembrar o esquema europeizado de “igreja-salão””, como afirma Vinhas (1998: 98). Este mesmo autor avança com a hipótese de que o corpo manuelino deveria estar concluído em 1532, apenas dele restando o muro setentrional, de cariz irregular e com cinco frestas (quatro das quais entaipadas) aproveitado na construção de seiscentos (Vinhas, 1998) (Fig. 10). De igual modo, propõe quanto à organização espacial e volumetria do espaço, que a nave única poderia ser mais estreita do que a atual, comportando capelas laterais

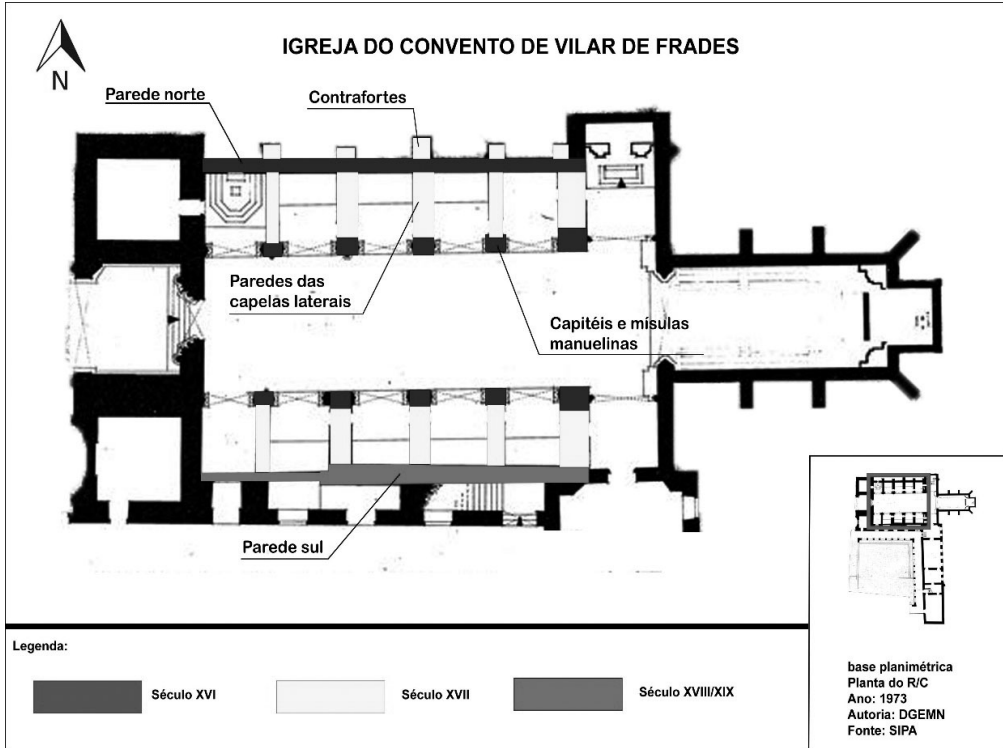


Fig. 10 - Planta interpretada do corpo da igreja do convento de Vilar de Frades.

mais profundas, que facilitariam assim a função das paredes pouco possantes, na sustentação da cobertura, constituída por um forro em madeira e telhado de duas águas (Vinhas, 1998).

Saliente-se ainda que segundo alguns autores, no esquema de capelas laterais nas igrejas manuelinas do centro e sul, tais com S. Francisco de Évora e Santa Cruz de Coimbra, o sistema de contrafortes das abobadas era providenciado pela construção de capelas laterais, de eixo perpendicular à abobada principal, esquema ao qual Vilar de Frades tem sido associado (Dias, 1988) (Figs. 9 e 10).

No entanto, e tal como já referido, o corpo da igreja de Vilar de Frades não correspondia

à “fábrica” da capela-mor e cruzeiro, possuindo paredes delgadas que não poderiam sustentar mais do que um forro de madeira (Vinhas, 1998). Neste sentido, a existência de capelas laterais como forma de sustentação não se justificaria, assim como a tipologia de igreja de uma só nave não era muito comum nas construções manuelinas do norte de Portugal (Pereira, 1995).

Na realidade, se tivermos em consideração a intervenção dos artistas biscainhos no norte de Portugal, nomeadamente na arquitetura religiosa, verifica-se que o tradicional modelo de três naves se continuará a manter. De igual modo, no âmbito das principais inovações introduzidas pelos mestres *biscainhos* destaca-se o novo sistemas de

abobadamentos, de nervuras e combados, ou seja, da construção de abóbadas dotadas de um anel central circular que permite um maior achatamento da cobertura (Pereira, 1995). Por outro lado, a maior parte dos *biscainhos* que vieram para o norte de Portugal aparece associada a estaleiros concretos, tais como a Igreja Matriz de Caminha e a de Vila do Conde, de três naves (Dias, 1986).

Deste modo, tendo em consideração a tipologia da arquitetura tardo gótica do norte de Portugal e as evidências arquitetónicas presentes na nave da igreja de Vilar de Frades atribuíveis ao século XVI, é possível admitir a possibilidade de estarmos perante uma igreja quincentista de três naves, transepto e capela-mor, cujas dimensões do corpo correspondem às atuais (Fig. 10).

6. CONCLUSÃO

A complexidade construtiva da igreja de Vilar de Frades, nomeadamente do corpo seiscentista tem levado à formulação de várias possibilidades acerca do seu processo construtivo, maioritariamente formuladas do ponto de vista da arquitetura e da história da arte, na generalidade centradas no estilo manuelino.

O carácter residual das fontes documentais e a abordagem pouco pormenorizada das diferentes hipóteses explicativas suscitou a necessidade de um exame mais exaustivo, baseado no contexto histórico-cultural em que ocorreram as respetivas modificações, bem como nos diferentes tipos de fontes disponíveis, com destaque para o edificado atual.

Deste modo, foi possível proceder a uma análise acerca das técnicas construtivas empregues na construção da nave da igreja do século XVI,

8. BIBLIOGRAFIA

Dias, Pedro. 1986. "O Manuelino" *In História da Arte em Portugal*. vol. 5. Lisboa: Publicações Alfa.
Dias, Pedro. 1988. *A Arquitectura Manuelina*. Por-

to: Livraria Civilização Editora.
Faure, Francisco Guilherme Cunha Líbano Monteiro .2012. *Casa de Deus e de Homens. Uma*

bem como relativamente à intervenção operada no século XVII. De facto, partindo da análise da abóbada seiscentista, elemento que considerámos fundamental na nossa análise, foi possível por um lado compreender melhor a planimetria e volumetria do corpo atual, e por outro desenvolver uma nova hipótese de estudo para a compreensão do corpo da igreja do século XVI. Na realidade, apesar da construção desta abóbada datar do século XVII, apresentando algumas particularidades, designadamente pela forma original como engloba o sistema nervurado, correntemente utilizado na arquitetura gótica e manuelina, funciona em termos volumétricos como uma abóbada de berço, adequando-se, deste modo, mais ao esquema de igrejas maneiristas, do século XVII.

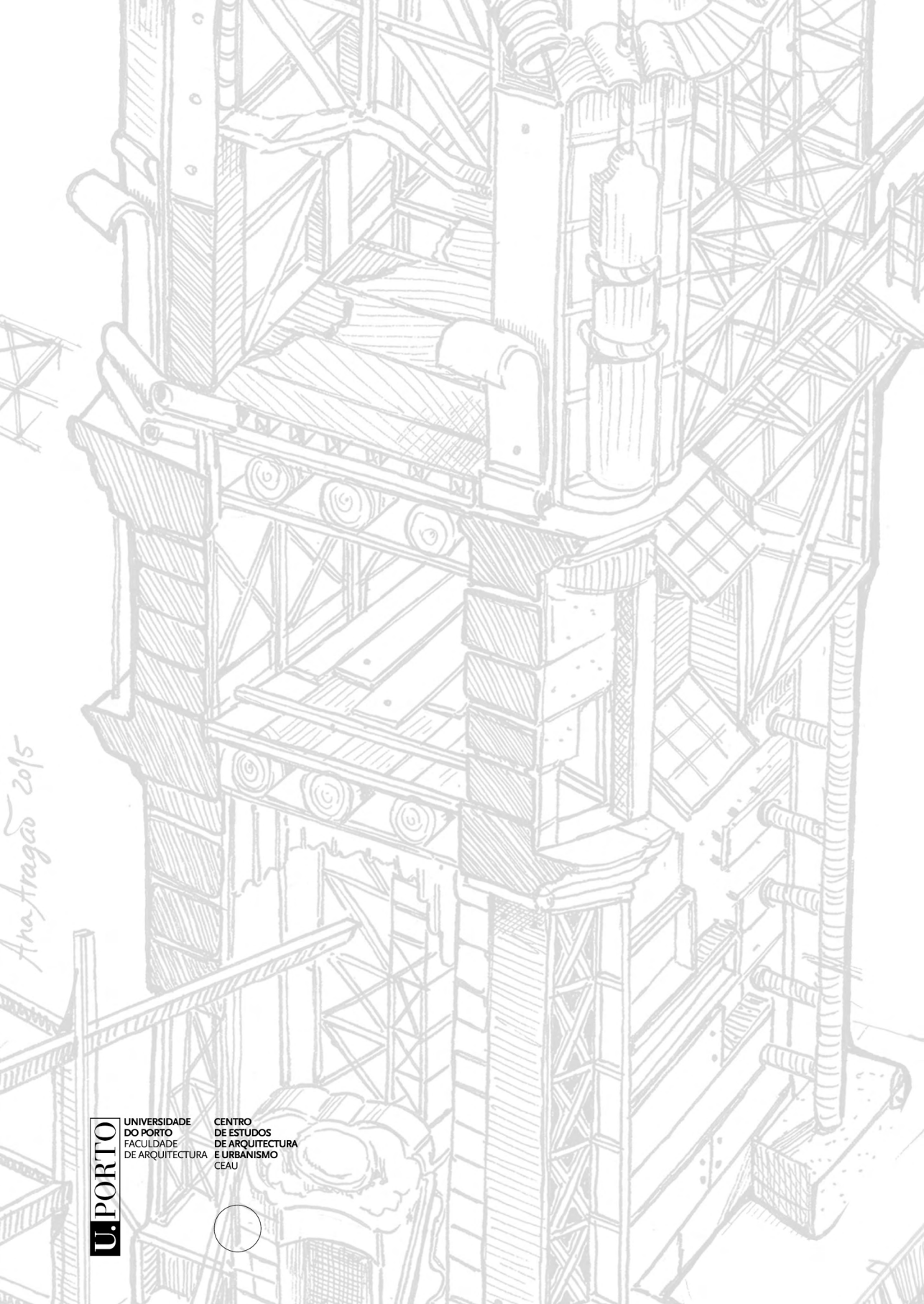
Por fim, referir que se trata de uma abordagem preliminar que carece de maior desenvolvimento, nomeadamente com análises mais detalhadas ao nível da estratificação arqueológica de todo o complexo conventual de Vilar de Frades. De igual modo, parece evidente que somente um estudo diacrónico e totalitário, que contemple todos os edifícios e espaços que formam o complexo arquitetónicos, permitirá uma interpretação rigorosa do processo construtivo do convento de Vilar de Frades desde a Idade Média até à atualidade, projeto que se encontra em curso.

7. FONTES

ADB. Epílogo e compendio da origem da Congregação de Sam Joam Evangelista & do nascimento, vida, & morte dos seus tres fundadores. Ms. 924. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Núcleo Antigo. Despesas das obras do Mosteiro de Belém. livros 811 a 814.

- leitura arqueológica do convento de S. Salvador de Vilar de Frades*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. URL: http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3584/3/DM_15898.pdf
- Freitas, Eugénio de Andrea da Cunha e. 1961. “João de Castilho e a sua obra no Além Douro”. In *Colóquio Revista de artes e Letras*. 15: 6-9.
- Genin, Soraya Monteiro. 2014. *Voûtes à Nervures Manuélines. Le Caractère Innovant de João de Castilho*. dissertação de doutoramento. Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven. URL: https://lirias.kuleuven.be/bitstream/.../3/PHD_SorayaGenin_Voll1.pdf
- Maria, Francisco de Santa. 1697. *O Ceo Aberto na Terra*. Lisboa: Na Oficina de Manoel Lopes Freyre.
- Maurício, Rui. 2000. *O Mecenato de D. Diogo de Sousa Arcebispo de Braga (1505-1532): Urbanismo e arquitectura*. 2 vols. Leiria: Edições Magno, Leiria.
- Pereira, António. 2016. “A capela-mor quinhentista de Vilar de Frades (Barcelos, Portugal): Reavaliação do seu processo construtivo.” III Jornadas Internacionales Evolución de los Espacios Urbanos y sus Territorios en el Noroeste de la Península Ibérica, Astorga, Espanha, 21 e 22 de abril de 2016.
- Pereira, Paulo (dir.). 1995. *História da Arte Portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ramos, Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira. 1990. “A igreja manuelina de Vilar de Frades: do arquitecto, dos cronistas e do monumento” *Revista de Ciências Históricas*. Vol. V. Universidade Portucalense: 91-121.
- Ribeiro, Maria do Carmo. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Vol. 1. Dissertação de doutoramento. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. URL: <http://hdl.handle.net/1822/8113>.
- Ribeiro, Maria do Carmo e Melo, Arnaldo Sousa. 2013. “A mobilidade dos artistas Biscainhos nas construções medievais portuguesas. Estudo preliminar”. In *I Congresso Histórico Internacional. As Cidades na História: População*, 2012, Vol. 2, Guimarães: Câmara Municipal.
- Vinhas, Joaquim Alves. 1998. *A Igreja e o Convento de Vilar de Frades: das origens da Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista (Lóios) à extinção do convento, 1425-1834*. Barcelos: Junta de Freguesia de Areias de Vilar.

Ana Aragão 2015



U.PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO
FACULDADE
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO

CENTRO
DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO
CEAU

